# 09 GRUPO RAÇA, GÊNERO E SAÚDE: O PAPEL DA INTERSECCIONALIDADE COMO FERRAMENTA TEÓRICA E PRÁTICA, NA BUSCA POR UM SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE EQUÂNIME

Maria Ruhama Ferreira Alves[1]
Melba Santiago Menezes[1]
Monica da Silva Pereira[2]
Diego Francisco Lima da Silva[1]
Tereza Maciel Lyra[2]

[1]Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil
[2]Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, Pernambuco, Brasil

DOI:10.37085/bookAS.14.chap9

**RESUMO**

O capítulo se trata de um relato de experiência sobre o Grupo Raça, Gênero e Saúde, que existe desde de 2020, sob iniciativa da Professora Tereza Lyra Maciel do Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz de Pernambuco, em conjunto com seus orientandos e construído coletivamente com seus participantes. Tem por objetivo ser um ambiente de diálogo entre a academia, os trabalhadores do Sistema Único de Saúde, os movimentos sociais e os usuários em geral, para a discussão de estudos sobre as construções sociais de Raça e Gênero, a interseccionalidade entre elas, e seus impactos na saúde, favorecendo para isso a realização de vivências e trocas de experiências, que resultem na reflexão coletiva para o entendimento

da totalidade dos problemas relacionados à saúde, desde o adoecimento ao acesso aos serviços. As iniquidades em saúde são frutos da desigualdade, que é mantida pelas discriminações, pela violência e pela opressão da classe dominante para com todos os que fogem do padrão dentro de uma sociedade racista, sexista, capacitista e cisheteronormativa. A partir da ideologia, aqueles considerados diferentes são desumanizados, e sua exploração é naturalizada. Por isso é fundamental o incentivo à criação de vínculos entre as pessoas para a construção de novas realidades, a partir da luta coletiva contra todos os tipos de descriminação. Só com o fim delas será possível presenciarmos a universalidade, integralidade e equidade que estão como princípios do SUS.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade, Determinação social da saúde, Participação da comunidade

## INTRODUÇÃO

O Grupo Raça, Gênero e Saúde do Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz de Pernambuco (IAM/Fiocruz-PE) foi criado no ano de 2020, pela professora Tereza Maciel Lyra. Nesse período a professora realizava a orientação de trabalhos que eram voltados para o estudo da saúde da população negra, logo, eram presentes discussões sobre o impacto do racismo na saúde. Esse tema começou a ser discutico por iniciativa de alunos negros que passaram a compor o corpo discente, ainda que em pouca quantidade na época.

O que reflete os achados de Gonçalves e colaboradores[1] sobre o aumento do acesso de pessoas negras à pós-graduação, entretanto, o número de pessoas brancas permaneceu mais expressivo, e o aumento delas com esse nível de ensino também foi maior, reforçando a permanência de desigualdades quanto ao acesso à educação, baseadas na raça/cor.

Vale destacar que os estudos sobre a saúde da população negra no Brasil vem sendo realizados a pouco tempo, mas se apresentam

em expansão, apesar dos empecilhos advindos de um sistema que se beneficia do racismo na saúde[2]. Tendo em vista que na sociedade capitalista em que vivemos, o racismo funciona como ideologia, através da naturalização das explorações e opressões que nutrem o capitalismo, auxiliando na sua manutenção pelas classes dominantes, os beneficiados pelo acúmulo de capital[3].

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência a partir dos encontros do grupo, que são realizados dentro da instituição, mas com a possibilidade da realização de vivências em outros espaços. Eles são abertos ao público e divulgados pelas redes sociais do IAM/Fiocruz-PE, e pelo grupo criado no whatsapp. Participam discentes da instituição, trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS), integrantes dos movimentos sociais e pessoas da sociedade civil que se interessam em discutir as repercussões na saúde das construções sociais de Raça e Gênero, em uma perpectiva contracolonial.

Acontecem no formato de roda de diálogo, visto que o objetivo do grupo é ir de encontro a participação da comunidade e articulação com movimentos sociais, incentivando a reflexão, o pensamento crítico e a transformação social, o que Bell Hooks[4] em seu livro "ensinando comunidade", aborda como educação democrática, ela afirma que esse é um processo constante, onde a construção do diálogo é fundamental para a libertação da dominação que ainda é propagada no ambiente acadêmico, que separa a acadêmia da realidade concreta da vida.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nos encontros realizados em 2025 foram debatidos os textos de Lélia Gonzalez[5], "A categoria político-cultural da amefricanidade"; Achille Mbembe[6], "Necropolítica"; Clóvis Moura[1], "O racismo com arma ideológica de dominação"; e Beatriz Nascimento[9], "A mulher negra no mercado de trabalho". Além desses debates foi

realizada uma vivência no Centro Cultural Quilombo do Catucá, um evento dedicado ao Centenário de Frantz Fanon com a presença de Deivison Faustino, Douglas Barros, Mercês de Fátima e Diego Francisco, o lançamento da plataforma "VANIA" voltada para o registro e acompanhamento da violência armada, com a participação de Ana Franca, pesquisadora do Instituto Fogo Cruzado, e no último encontro do ano, foi realizado um debate sobre o documentário "Transexualidade no Candomblé" com a participação de Deybson de Oxalá e Mãe Fátima.

No ano de 2026 já ocorreram mais dois encontros, no primeiro foi discutido o texto de Diego Francisco[8], "Marcha Zumbi dos Palmares: 30 anos de construções políticas de uma luta obliterada", e no segundo os textos de Kabengele Munanga[9], "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia", Clóvis Moura[1], "O Racismo com Arma Ideológica de Dominação I*" e Lélia Gonzalez[10], "Racismo e sexismo na cultura brasileira".

Seja através da leitura e análise dos textos, acompanhados ou não da transmissão de mídias audiovisuais, como músicas, imagens ou documentários, seja através de vivências em espaços de resistência que sofreram e ainda sofrem apagamento histórico e cultural, as trocas de experiências entre acadêmicos, profissionais da saúde, membros de movimentos sociais, e usuários do SUS, de forma geral, que são possibilitados pela existência do grupo, proporcionam um espaço de reflexão onde é possível efetivar o diálogo entre a teoria e a prática. E assim entender as problemáticas que envolvem a saúde em sua totalidade.

## DISCUSSÃO

Segundo Collins e Bilge[11], a interseccionalidade pode ser utilizada como uma ferramenta analítica teórica e prática, que considera como os diversos marcadores sociais de raça, gênero, classe, orientação sexual, capacidade, entre outros, produzem efeitos de forma relacionada, sendo assim não é possível encontrar a solução para problemas sociais sem analisá-los juntos, e não de forma fragmenta-

da. Essa ideia veio a partir dos movimentos sociais, principalmente do movimento feminista negro, que já realizava a crítica sobre como a opressão da mulher negra não era considerada no feminismo, pois o mesmo era voltado para as pautas das mulheres brancas de classe média, e o movimento negro, tinha o foco na figura masculina.

Com esse cenário em mente, os textos e produções audiovisuais discutidos, e as experiências vividas e compartilhadas servem de aporte para a compreensão da realidade e possibilidade de transformação social. Na pesquisa de Ferraz, Chaves e Ferraz[12], os autores criticam as constantes disputas epistemológicas dentro das ciências sociais, que são focadas na visão que os pesquisadores têm sobre os objetos pesquisados, recorrendo a perspectiva ontológica do método de Marx, para explicar a necessidade de se buscar entender o objeto em sua concretude.

Ou seja, a realidade é única, independente da ideia que o pesquisador tem sobre ela, mas são criados mecanismos para abstrair a totalidade das relações sociais, e assim esconder o real. Os autores apontam ainda para o produtivismo dentro da academia, o que faz com que essas disputas epistemológicas se propaguem, visto que auxiliam na manutenção do sistema capitalista. De certa forma os autores dialogam com Collins e Bilge[11], visto que a interseccionalidade busca prover meios de se alcançar a justiça social, o que não é possível sem a práxis, mas as autoras deixam claro que o papel dessa ferramenta vai depender de quem a aplica, não indicando uma ruptura com o capitalismo.

O que podemos compreender como uma forma de amenizar os problemas decorrentes do sistema, como aponta Paim[13] ao analisar a Reforma Sanitária Brasileira a partir de Gramsci, e concluir que os objetivo de uma saúde realmente para todos só seria possível de alcançar com uma reforma total, que envolveria todo o sistema, já que na fase atual da reforma é possível visualizar como o acesso a saúde é desigual, devido aos interesses das elites, visto que a mesma é tratada como uma mercadoria, e produz lucro para a classe dominante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos ser fatalistas, e assim dar por acabada a luta por um sistema de saúde acessível a toda população. O grupo de estudos é justamente um lugar de construção conjunta, de resistência e luta coletiva para movimentar uma mudança no atendimento que é prestado no SUS, que passe a ser um lugar de acolhimento e não mais propagação da violência e da dominação que são bases do sistema capitalista.

## REFERÊNCIAS


1. Oliveira Gonçalves LA, Pereira Junior EA, Ângelo Coutinho F, Gonçalves Pereira J. Acesso de negras e negros à pós-graduação. Revista Da Associação Brasileira de Pesquisador s Negr s - ABPN 2019;11:176–206. Doi:10.31418/2177-2770.2019.v11.c.1.p176-206.
2. Coelho R, Campos G. O campo de estudos sobre saúde da população negra no Brasil: uma revisão sistemática das últimas três décadas. Saúde e Sociedade 2024;33. Doi:10.1590/s0104-12902024220754pt.
3. Moura C. O racismo como arma ideológica de dominação I. Lutas Sociais 2023;27:61–73. Doi:10.23925/ls.v27i50.69808.
4. Hooks B. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante; 2021.
5. Gonzalez L. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro 1988:69–82.
6. Mbembe A. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições; 2018.
7. Nascimento B. A mulher negra no mercado de trabalho. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; 2019.
8. Francisco D. Marcha Zumbi dos Palmares: 30 anos de construções políticas de uma luta obliterada 2025.
9. Munanga K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira, Niterói: EDUFF; 2004.

10. Gonzalez L. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz; 2020.

11. Collins P. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo; 2021.

12. Ferraz DLS, Chaves RHS, Ferraz J de M. Para além da epistemologia: reflexões necessárias para o desenvolvimento do conhecimento. REAd (Porto Alegre) 2018;24:1–30. Doi:10.1590/1413-2311.204.80474.

13. Paim J. Reforma sanitária brasileira: contribuição para a compreensão e crítica [Internet]. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.